

Resenha do livro “Filosofia Clínica, estudos de fundamentação”, de José Maurício Carvalho

Contribuição de Ana Carolina Sales dos Santos
11 de November de 2007

O livro de José Maurício de Carvalho defende a hipótese de que a filosofia clínica é fundamentada principalmente no método fenomenológico. A hipótese fenomenológica foi usada por diversos psiquiatras e psicólogos para servir de fundamento às ciências humanas. No cenário internacional, basta lembrar Karl Jaspers, no Brasil, Nilton Campos, que foi diretor do Instituto de Psicologia da UFRJ, Antônio Gomes Pena, Elson Arruda, Eustáquio Portela, todos se valendo da fenomenologia para justificar sua prática terapêutica. José Maurício expõe em cinco capítulos a sua hipótese.

Na introdução, a filosofia clínica é apresentada como um método que “busca nos vinte e sete séculos de tradição filosófica elementos para entender a singularidade existencial que constitui o mundo de cada pessoa (...) Uma rica tradição de pensar a vida humana na circunstância em que ela se dá (p. 13), é a maneira contemporânea de pensar a subjetividade conforme ensinaram os existencialistas e Ortega y Gasset. Essa é a forma de mostrar que apesar de ter sua origem histórica por volta do século sexto antes de Cristo, a filosofia se apresenta de forma atual, nos permitindo aproximar a construção da filosofia clínica com vertentes da filosofia contemporânea. E é esta atualidade a que o autor se refere no texto: “a filosofia clínica faz uma retrospectiva de todo o passado filosófico, mas o traz até nosso tempo à luz de uma filosofia contemporânea, a fenomenologia existencial” (p.14) Está explícito que a clínica tem por objetivo fundamental ajudar quem a procura. A técnica espera vencer choques eventualmente existentes na Estrutura de Pensamento dos partilhantes. No primeiro capítulo, o autor expõe os meandros da técnica. Afirma: “A filosofia clínica é um método de psicoterapia que não se desenvolveu no espaço da Psicologia ou da Medicina (...)”. Lúcio Packter constituiu um método de ajuda pessoal, valendo-se de aspectos do mundo interior do existente que as correntes filosóficas contemporâneas nos revelaram, pois a filosofia contemporânea focou com especial atenção o homem e o universo” (p. 18) O clínico começa ordenando os fatos da vida do partilhante, diz o autor: “Na filosofia clínica este contato inicial, filósofo e partilhante, é considerado a base de todos os outros procedimentos (...)”. O clínico ordena aquilo que o partilhante lhe conta desordenadamente, ele procura construir uma história sem saltos temporais ou lógicos para que ela se torne mais completa, coerente e ordenada possível (...). O clínico não avança, nessa etapa, hipóteses explicativas do que se passa com a pessoa e nem lhe sugere o que deve falar.” (p.19) Concluída a fase do levantamento histórico da vida do partilhante, iniciam-se os exames categoriais, onde o clínico vai usar das categorias para localizar o partilhante no mundo. “Lúcio emprega cinco categorias: assunto imediato e último, circunstância, lugar, tempo e relação. Através delas o criador da filosofia clínica descreve como o homem se situa no mundo” (p. 23). A análise categorial dá as indicações do vínculo que a pessoa estabelece com o que está a sua volta. Concluída a análise, o clínico faz o levantamento da EP do partilhante. “A EP resume tudo o que a pessoa conhece, sente, intui; enfim, é a descrição do mundo da pessoa através das estruturas de pensamento que ela privilegia” (p. 26). A EP é constituída por trinta tópicos que podem ser combinados em infinitas alternativas, por este motivo vai haver várias formas de EPs, todas entendidas como singulares. São os seguintes tópicos que formam as diferentes EPs: Como o mundo me parece; o que a pessoa acha de si mesma; sensorial e abstrato; emoções; pré-juízos; termos agendados do intelecto; termos universais, particulares ou singulares; termos unívocos e equívocos; discurso completo e incompleto; estrutura de pensamento; busca; paixão dominante; comportamento e função; espacialidade; semiose; significado; armadilha conceitual; axiologia; singularidade existencial; epistemologia; expressividade; papel existencial; ação; hipótese; experimentação; princípio de verdade; análise da estrutura; interseções; dados da matemática simbólica; autogenia. Seguindo sua explanação o autor nos expõe coloca a tábua de submodos. “Na filosofia clínica denominam-se submodos os procedimentos utilizados pela pessoa para resolver os seus problemas (...)”. O que o filósofo clínico colhe na EP são os submodos porque a pessoa enquanto vive está fazendo determinadas coisas e o submodo é justamente a maneira como ela efetiva aquilo que busca realizar.” (p. 47) Os submodos se colocam como os “remédios” da alma. Para Lúcio, há um total de 32 submodos, que listamos a seguir: em direção ao termo singular; em direção ao termo universal; em direção às sensações; em direção às idéias complexas; esquema resolutivo; em direção ao desfecho; inversão; recíproca de inversão; divisão; argumentação derivada; atalho; busca; deslocamento curto; deslocamento longo; adição; roteirizar; perceber; esteticidade; esteticidade seletiva; tradução; informação dirigida; intuição; retroação; intencionalidade dirigida; axiologia; autogenia; epistemologia; reconstrução; análise indireta; expressividade; princípios de verdade. Afirma o autor do livro que: “O uso dos submodos destina-se a superar choques existentes na estrutura de pensamento do partilhante” (p. 58). No segundo capítulo, o autor tenta mostrar como a filosofia clínica está diretamente ligada à fenomenologia, iniciando assim, a fundamentação da técnica, a qual dedica todo o seu esforço. Ele afirma: “Ao esclarecer como a fenomenologia se insere na prática da clínica filosófica tentaremos evidenciar que a fenomenologia oferece os elementos que asseguram a unidade e coerência da filosofia clínica. É ela que dá a chave para o diálogo com a tradição filosófica do ocidente” (p. 79). O autor entende que os tópicos da EP são como “patamares nos quais o mundo aparece na consciência” (p. 81), uma espécie de extrato da consciência. Segundo ele, a fenomenologia está presente na clínica “desde o início quando o filósofo acolhe o partilhante em atitude de respeitosa empatia com seus sentimentos, atitudes e expectativas” (p. 82). A fenomenologia sem dúvida é uma das bases da filosofia clínica tanto na relação filósofo/partilhante, quanto na montagem da EP do partilhante. “A filosofia clínica ganha também com fenomenologia porque se depara com um paradigma capaz de mostrar como se articulam os tópicos da EP, como é possível superar choques existenciais presentes na malha intelectual. (...) é importante o reconhecimento da fenomenologia como filosofia porque ela sustenta idéia de que o homem é um sendo, é um mundo em contínua elaboração.” (p. 110). No terceiro capítulo, o objetivo é mostrar a diferença entre

a fenomenologia e a psiquiatria, tendo por pano de fundo Karl Jaspers. Jaspers, apesar de conhecer e aplicar a fenomenologia que é algo novo, ainda se move no terreno da psiquiatria tradicional. Apesar disso, ele inicia um procedimento pioneiro que é aplicar o método fenomenológico à psiquiatria. O autor afirma que há uma incongruência na psiquiatria fenomenológica quando aplica as tipologias e classifica as doenças, para esclarecer esta forma de abordar os problemas já foi superada. "Para Jaspers, a fenomenologia trouxe uma forma compreensiva de examinar os fatos psicológicos, além de consistir numa maneira de entender o que seja a realidade" (p. 136). O interessante na análise de Jaspers sobre a psiquiatria é que ele considera que o partilhante é um ser único e singular, do mesmo modo que a filosofia clínica. Outro ponto importante é que Jaspers crê que a terapia segue somente até certo ponto. Afirma: "A análise filosófica da relação de ajuda sugere que há limites para a ajuda que oferece. Jaspers resume este em dois pontos principais: o primeiro é que a terapia não substitui a vida e a vida é uma construção contínua e permanente que nasce das escolhas de cada pessoa (...). O outro é que o terapeuta deve contar que, por mais que o sujeito possa mudar, é preciso estar preparado para o fato de que nem tudo é mutável, alguma coisa nele não o é. A terapia não pode tudo, não consegue libertar o sujeito de todos os problemas" (p. 182). Jaspers acredita que a psicologia se tornará uma ciência de fato. Entende a consciência como: "um dos estratos do modo humano de ser" (p. 185). Jaspers nos diz que a Filosofia e a Psicologia não podem andar separadas, uma precisa da ajuda da outra. "É evidente que o estudo dos fatos psicológicos e dos problemas filosóficos não se resumem um ao outro, mas significa que nem a filosofia pode refletir sobre o modo de ser do homem sem considerar aquilo que a investigação psicológica propõe como conhecimento objetivo, nem a psicologia pode deixar de observar a crítica metodológica que a filosofia permite" (p. 188). Assim, Jaspers faz uma reflexão sobre o encontro terapêutico que se aplica ao que se faz na filosofia clínica, ele acredita que a relação pessoal seja o fato primordial, se não fundamental para que haja uma boa terapia. Diz o autor: "A fenomenologia fala da mediação do encontro com o mundo através do corpo e é isso o que Jaspers procura mostrar nos seus estudos sobre psicoterapia (...) Sem a decisão de dialogar, não há verdadeiro encontro, sem a decisão de efetivar o encontro, ele não se concretiza; logo, o encontro nasce da decisão pessoal, não pode prescindir dela. Para tratar o fenômeno da aproximação deve-se considerar o quadro conceitual comum que permite o entendimento" (p. 189). Ora, os eixos nucleares que são usados por Jaspers na fundamentação da atividade clínica também estão presentes na clínica filosófica. No capítulo seguinte, o autor faz uma equivalência entre o pensamento de Ortega y Gasset e a filosofia clínica. Deixa nos claro que, apesar de Ortega ser um raciovitalista, os seus estudos parecem dar um fechamento as reflexões fenomenológicas, apesar dos fundamentos teóricos de ambas as escolas serem diferentes. Inicia fazendo uma explanação de como a filosofia raciovitalista de Ortega pode ajudar os filósofos clínicos a entenderem os exames categoriais. Afirma a respeito: "Ortega ensina que as opções de cada um dão à trajetória da sua vida um caráter singular, confirmando a tese dos fenomenólogos. O filósofo clínico diz o mesmo quando afirma que a pessoa desse ou daquele modo ao se referir à maneira como cada um faz suas escolhas e vai vivendo (...) O filósofo clínico está atento para que ao menos essa forma de ver o mundo não contemple choques na malha intelectual da pessoa. Para Ortega y Gasset as pessoas querem mais do que evitar choques, esperam conseguir a própria felicidade. É claro que cada pessoa entenderá que o caminho para a sua felicidade é único, próprio; porém acrescenta Ortega, os sentimentos de bem-estar e satisfação estão associados não só à ausência de conflitos, mas ao tanto que conseguimos amar e realizar o nosso projeto de vida, nossa missão" (p. 198). Ortega entende que cada pessoa tem uma vocação e que no caminho da vida temos que fazer escolhas, podendo ou não operacionalizar a vocação; porém, quando não a seguimos, nossa vida torna-se o fazer por fazer, não há mais objetivos. "Ao referir-se à vocação de cada um, Ortega deixa o ensinamento de respeito ao caminho escolhido pelas pessoas, a trilha de cada um é construção pessoal, nisso rigorosamente igual ao que ensinaram os fenomenólogos. O filósofo clínico não deve interferir nas decisões do partilhante, as lições de Ortega são boa referência para isso" (p.202 e p.203). Ortega tem uma visão de circunstância ampla e consegue englobar não só a categoria circunstância da filosofia clínica, mas tudo o que o exame categorial permite englobar. Ele ensina que o homem não pode ser pensado a não ser em uma determinada circunstância. Enfim, explica que a noção de circunstância em Ortega y Gasset aprofunda para o filósofo clínico a noção de sujeito em situação proposta também, pela escola fenomenológica existencial. No quinto e último capítulo, o autor trata da linguagem esclarecendo que a filosofia analítica pode ter ajudado Lúcio Packter a fundamentar a filosofia clínica, mas que não pode ser entendida como seu fundamento. Diz: "É possível notar alguma proximidade entre a fenomenologia, raciovitalismo e a analítica da linguagem na preocupação com o contexto da comunicação. Nos três casos, dá-se atenção à circunstância pragmática da linguagem, à compreensão dos vocábulos depende dela. No entanto, esta aproximação não significa que se trate da mesma coisa. A fenomenologia entende que o uso da linguagem não se restringe ao espaço rígido da comunicação lógica, o mundo de cada um comporta uma maneira de expressar que é única. Ortega também faz distinção entre o espaço objetivo da cultura e o uso criativo das palavras. Este último é válido porque o sujeito não perde a sua singularidade pelo fato de pertencer a uma cultura. A expressão poética ou simbólica é, muitas vezes, a melhor forma de traduzir uma realidade vivida" (p.244). O autor também nos coloca que a analítica da linguagem não considera a linguagem corporal, de sinais ou o silêncio, coisas que se mostram fundamentais na clínica. "Até porque em clínica a questão não é criar um espaço objetivo de discussão, sendo a comunicação realizada além da linguagem discursiva. Quantas vezes o silêncio compartilhado, caminhar ao lado do partilhante, ou mesmo observar os seus gestos é muito mais revelador do que se passa em sua vida?" (p.246). Conclui dizendo que a fenomenologia existencial é o fundamento epistemológico para a filosofia clínica. Diz que, apesar de o homem ser único e singular, ele vive em sociedade e que este viver em conjunto interfere diretamente no que cada um é. E que o sujeito está em constante diálogo com o mundo em que vive. "A atenção a tantas possibilidades que o existente tem, isto é, observar como ele faz suas escolhas, é fundamental na prática clínica, porque mesmo assegurada a sua liberdade, observa-se uma relativa constância no modo como cada pessoa articula sua experiência temporal: passado, presente e futuro na sua história de vida. Este tempo

não é o mesmo com que se mede a passagem dos fenômenos naturais, tempo observado no ritmo do universo, mas o período de realização do modo de ser ou do projeto existencial de cada homem” (p.267). O livro de José Maurício de Carvalho, além de comentar as várias influências da filosofia clínica, nos faz ver principalmente como a fenomenologia articula e dá sentido à criação de Lúcio Packter. A obra explicita os fundamentos fenomenológicos da prática da clínica, referindo-se principalmente ao legado de Husserl, Merleau-Ponty, Max Scheler, Karl Jaspers. Não podemos deixar de citar, o raciovitalismo de Ortega y Gasset que se mostra fundamental para completar as descobertas da análise existencial. Os ensinamentos destes fenomenólogos ajudaram Lúcio Packter a criar o travamento lógico e metodológico da clínica filosófica. É com base nisto que o autor da obra se baseia para defender sua hipótese. Em nossa avaliação José Maurício justifica sua tese, que é um capítulo fundamental da epistemologia da filosofia clínica. Trata-se de uma obra importante para todos que desejam entender a filosofia clínica do ponto de vista fenomenológico.